

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2375

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director interino: JOAQUIM DE SOUSA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO  
SÁBADO, 28 DE AGOSTO DE 1923

## Todo o bem que fizermos à Confederação em nós se reflectirá

E' muito restrita a missão daqueles que transitariamente se encontram orientando a Organização Operária Portuguesa. Mas restrita embora, não deixa de ser importante e melindrosa. Se bem que a primeira vista pareça que não nos incumba outra tarefa senão a de fazer um burocrático compasso de espera enquanto o novo Conselho não se forma, nós, como militantes e como operários, não nos limitamos a esse pequeno esforço, queremos ir mais longe.

Queremos ir mais longe, é claro, sem de qualquer modo atraírcosmos o espírito das funções de que fomos investidos. Queremos ir mais longe, estabelecendo com a nossa modesta influência um saudável ambiente de paz que permita trazer ao seio da Organização Operária todos aqueles que, devendo estar connosco, por qualquer motivo se afastaram.

Não abdicamos dos nossos ideais sindicalistas libertários nem queremos torcer para caminhos dúbios a firme direcção sindicalista que successivos congressos vêm dando à Organização. Mas, interpretando com justiça e inteligência o espírito desses congressos, parece-nos que homens e organismos de tendências diversas mas de base idêntica—sindicalista—devem reunir-se e federar-se para aquela acção sindical que é comum a todos os proletários: a defesa dos interesses de classe. Nesse terreno todos os trabalhadores se encontram inevitavelmente e bom será que a esse encontro se desse uma norma, um método. Essa norma e esse método, como está naturalmente indicado, só os podem dar a Confederação Geral do Trabalho.

Urge, por um interesse comum a todos os trabalhadores, concentrar esforços, metodizar acção contra o inimigo geral—a burguesia capitalista.

Com os olhos fixos neste objectivo, apela-mos neste momento para a boa vontade, para a sinceridade de todos os militantes e de todos os operários. Que cada um saiba, dentro da sua esfera de acção, cumprir o seu dever. O trabalho dividido por todos não é pesado e bem conjugado pode luzir muito. Desejamos ardentemente que os operários ingresse-mos como lhes compete nos seus sindicatos, estes nas uniões e federações e estas finalmente na Confederação, que, inteiramente renovada, pode prestar serviços relevantes ao proletariado.

E os militantes que pensem apenas no bem da Organização Operária, porque todo o bem que lhe fizermos em nós, operários, colectivamente se reflectirá.

## Notas & Comentários

### A situação da C. G. T.

Alguns jornais, a propósito da dissolução do Conselho da Confederação Geral do Trabalho, têm publicado uma série de diatribes que revelam bem a sua ignorância nestas questões operárias, quando propõem de tudo deturpar para amesquinharem o alto corpo da organização operária. Esses diatribes, em vários jornais, têm atingido o seu objectivo. Ainda ontem os serviços Novidades noticiava que o nosso camarada Santos Arranha fora violentamente afastado da direcção da Batalha. Ora a verdade, como já é do conhecimento dos leitores, é muito outra. Mas se o mentir já é um hábito inveterado nestes jornais...

Sobre o que se tem dito da destituição do cargo de director de A Batalha, escrevem-nos o nosso camarada Santos Arranha uma carta que só amanhã, devido à falta de espaço, poderemos tornar pública.

**Cumprimentos**  
Veio ontem cumprimentar-nos, tendo executado primorosamente alguns números do seu repertório a interessante banda de música Sociedade Antiga Montemorrense. Agradecemos e retribuimos a sua doação recebida.

**Inconsciência**  
Escrevem-nos de Melilla, Eugénio Martins, que se encontra alistado na Legião Estrangeira, protestando contra o facto de serem bárbaramente tratados por mouros e espanhóis. Os mouros nutrem por eles um grande desprezo visto que por dinheiro se prestam a ir combatê-los na sua própria casa. E os militares espanhóis, como sabem, a que abjeção é preciso descer para ir desempenhar um papel tão repugnante tratam-nos como nunca usaram tratar os mouros.

**Entrevista que não deu resultado**  
LONDRES, 27.—A entrevista do sr. Churchill com os mineiros não deu resultado isto o governo manter a sua decisão de não ceder subsídios aos operários. (L.)

## A ESCRAVATURA BRANCA

### Prova-se com as declarações de uma pobre mulher que no hospital de São José, a tróco de dinheiro, se entregam crianças a damas que ficam para sempre ignoradas

### Acusamos a parteira-chefe da enfermaria de Santa Bárbara de participar nessa entrega—Acusamos o "hábil" agente Ferreira da Silva de ter falseado um relatório para nos desmentir

Duas criaturas ficaram imortalizadas neste triste comércio de crianças recém-nascidas no hospital de São José: a parteira-chefe da enfermaria de Santa Bárbara daquele estabelecimento D. Georgina Duarte e o agente Ferreira da Silva. A primeira, pela atitude sobreleira como tratou A Batalha por ela atacar uma monstruosidade de que essa senhora era uma das autoras. A segunda pela forma parcial e criminosa como procedeu as investigações de que foi encarregado sobre o caso do tráfico de crianças.

A Posterioridade ficará conhecido que estas duas figuras foram réis de um crime inqualificável num país que se jacta de civilizado e de civilizador. A Posterioridade ficará sabendo que houve no ano de 1926 uma mulher parteira-chefe de uma enfermaria que por artes maldicas convencia as parturientes a entregar a estranhos os seus filhos a fim de receber uma repugnante gratificação. A Posterioridade ficará conhecido que houve um agente de polícia que lançou o abafarete sobre esta monstruosidade e veio depois para a imprensa, affecta dizer que A Batalha mentiu porque nunca houve tráfico de crianças, porque nunca se exerceu esse execrável negócio no hospital de São José.

Nós, desde o primeiro momento que aqui erguemos o nosso brado, afirmámos que esse comércio se exercia porque em nosso poder possuíamos esmagadoras provas dele. Nunca nesta tribuna se fez uma afirmação gratuita. Quando muito, e isso succede em todos os jornais, temos sido ludibriados na nossa boa-fé resultando daí uma inexacta informação. Mas esse facto nunca se deu num caso como a gravidade deste.

A um nosso redactor foram feitas revelações sensacionais que ele esmaltoou, em parte, nestas colunas reservando outras para a melhor oportunidade. Essa oportunidade chegou. E por isso vamos ver se fomos nós que erguemos o alvê ou se foi a polícia que se tornou conveniente no crime.

**Como o "hábil" agente conduziu as investigações**  
Antes de trazermos à supuração as provas do tráfico de crianças vamos explicar ao leitor, para que ele vá conhecendo todas as fases do emaranhado caso, como conduziu, essa hipótese de Sherlock Holmes que se chama Ferreira da Silva, as investigações.

Logo que A Batalha revelou o nojento comércio, no hospital de São José produziu-se um grande movimento de sensação, especialmente na enfermaria de Santa Bárbara e na enfermaria Depósito.

Essa sensação ia aumentando à medida que o nosso jornal desfechava as suas certezas flechas. Surge a intervenção da polícia e D. Georgina Duarte começou a manifestar uma grande intranquilidade. O seu espírito andava inquieto, não sabendo como eximir-se às responsabilidades do seu delito.

O hábil agente entra nesse momento em acção. E D. Georgina estremece. Receava ser descoberta. Ingénua! Não sabia que em Portugal a polícia não procede para com os criminosos. E assim foi.

D. Georgina Duarte foi convidada a depor e, com o seu habitual ar superior, declarou ao hábil:

—Não é verdade haver tráfico de crianças. Foram apenas entregues algumas a várias pessoas de grande respeitabilidade que as estimam como se fossem seus filhos.

E o hábil ter-lhe-ia respondido:

—Desculpe v. ex., sr.ª D. Georgina Duarte, o incomodo. Estou certo que A Batalha é que inventou esta infâmia...

D. Georgina retirou toda ufana e certa de que nada lhe sucederia. E porque estava assim tão corajosa? Porque ela bem sabia que um dos mais categorizados funcionários da polícia estava também empenhado em que D. Georgina nada sofresse.

Um pequeno soluço reprimido a custo cortou a narrativa da nossa interlocutora, que fala com visível cansaço, pois está a braços com uma perigosa enfermidade. E prossegue:

—Por via de regra eu também disse que já tinha um filho que com dificuldade sustentava, não sabendo como criar o que estava no ventre visto não possuir leite nem dinheiro para o comprar.

**D. Georgina Duarte ainda não tinha nascido uma criança já aconselhava à mãe a sua entrega**  
Como a nossa entrevistada continuasse a produzir um grande esforço para falar, julgámos prudente falarmos nós, agora:

—Mas estou informado que a menina Maria vendeu o seu filho por 200\$00—dissemos.

—Vendi não é verdade—retorquiu a nossa interlocutora. E explica:

—Exactamente, quando eu me lamentava, e ainda a criança não tinha nascido acorreu-se da minha cama a parteira-chefe D. Georgina Duarte que me perguntou: —Porque é que não entrega o seu filho a uma família muito rica que eu lhe posso indicar?

—E o que lhe disse a menina Maria?—inquirimos.

—Que não, que tinha muita pena do meu querido filho e por isso o não entregaria. Todavia D. Georgina Duarte insistia dizendo que a criança seria entregue a uma família muito rica e digna.

Duas indiscretas lágrimas brilharam no rosto da pobre mulher. A lembrança de seu filho, que nunca mais viu, perturbou-a. Para destruir aquele pensamento que tanto a incomodava, fomos arriscando:

—E quando nasceu o seu filho?

—Quando o meu filho nasceu—13 de Dezembro—D. Georgina repetiu o convite. Eu ainda recusei. Mas tinha diante de mim uma sombra espectral. Via a miséria de meu querido filho em todo o seu negrume. Por isso fui cedendo aos desejos de D. Georgina e em 19 do mesmo mês quando o meu filhinho foi registado eu estava já convencida a entregá-lo.

—Como foi feita a entrega, pode explicar-nos?

—As testemunhas do meu menino foram duas doentes que lhe deram o nome de Rui Maia. Dois dias depois foi ele entregue a uma senhora...

que durante alguns minutos não pôde falar.

Antes de nos retirarmos ainda quisemos saber se Maria Avelina Maia sabia do paradeiro de seu filho. Eis a resposta:

—A D. Georgina que tanto bem dizia da senhora que levou o meu filho declara agora que não conhece essa senhora e afirma que fui eu de livre vontade que entreguei o meu filho quando foi ela que me convenceu a fazer essa entrega. De forma que eu nunca mais soube do meu filho...

Voltámos a insistir:

—Mas como foi feita essa entrega?

—Tantas foram as promessas de D. Georgina que eu aquiesci ao convite. Nesse dia assomou à porta da enfermaria uma senhora alta, morena, elegantemente vestida que me disseram ser a tutora de meu filho.

Dois dias depois fui convidada a ir ao gabinete do director da enfermaria onde se encontrava essa senhora, acompanhada de uma ama que era portadora do enxoval para a criança, e a D. Georgina.

Entre soluços a nossa entrevistada vai dizendo:

—Então eu entreguei o meu rico filhinho a essa senhora sem outra explicação.

—Mas essa senhora deu-lhe dinheiro!

Houve uma pausa prolongada. Durante alguns segundos apenas se ouviu o soluçar da infeliz.

**Em troca do pequeno Rui foram entregues 200\$00**  
—Deu, sim senhora. Mas eu não vendi o meu filho. Foi ela que sem eu lhe pedir me entregou 200\$00.

E as lágrimas sufocaram a pobre mulher



A mãe do pequeno Rui falando ao redactor de "A Batalha"

## Quere o operariado salvar "A Batalha"?

Está nas suas mãos a vida do único jornal das classes trabalhadoras

A Batalha está cercada de inimigos—de inimigos que não lhe perdoam a sua desassombrada atitude de combate a todas as violências e a todas as explorações. Todas as forças conjuradas da exploração e da opressão a espreitam, aguardando o momento de lhe vibrar o golpe mortal. A Batalha não receia os seus inimigos, não receia os que a odeiam, antes se congratula com a sua bestialidade por a considerar a melhor certeza moral de que tem sabido cumprir, na medida das suas forças, a sua missão.

Mas, para resistir às violências dos que pretendem atingi-la, para inutilizar os ataques dos seus adversários, precisa de estar rodeada de amigos que nos momentos trágicos como este que agora atravessa, a auxiliem, a defendam, salvando-lhe a vida, poupando-a a uma morte inglória...

De todos os lados nos chegam incitamentos; dezenas de cartas afluem a esta redacção afirmando o desejo de que a Batalha se salve da crise aguda em que se debate. Mas, as palavras não bastam. Oxalá que elas se traduzam em factos, que todos contribuam na medida das suas posses para que os trabalhadores cumpram o seu dever salvando o único jornal que lhes pertence, o único jornal que exprime as suas revoltas e defende os seus legítimos interesses.

A Batalha não vive de recursos ilegítimos, não recebe subsídios de empresas de exploração pública. Tem uma vida decente e limpa que lhe permite falar sem recear remoqueos nem temer acusações. Por vezes a cal nia procura atingi-la, mas o caluniador quando é descoberto nega a sua própria obra ou remete-se ao mais covarde dos silêncios.

Pode desaparecer, mas não transige nunca. Querá o operariado salvá-la? Se o quer, faça-o enquanto é tempo. Senão, será demasiado tarde...

Transporte: . . . . .	2-979\$16
Manuel Gonçalves Pecheiro . . . . .	10\$00
A. D. Seratim . . . . .	2\$50
Quete em Santo António do Tojal . . . . .	7\$00
B. Valentim . . . . .	2\$50
Joaquim Bento . . . . .	2\$50
Francisco Ameira . . . . .	1\$50
E. Barbosa . . . . .	20\$00
A. C. C. . . . .	50\$00
Blancum Augusto Pinto . . . . .	5\$00
José da Costa Dias . . . . .	2\$50
Uma família admiradora da Batalha . . . . .	1\$00
A. T. . . . .	6\$00
Joaquim de Sousa . . . . .	5\$00
Alberto de Castro e um amigo da Batalha em Vilarinho . . . . .	20\$00
Manuel Simões Seródio . . . . .	20\$00
Francisco Tristão . . . . .	5\$00
M. S. C. 1.ª prestação dum dia de salário . . . . .	9\$00
Demétrio Dias . . . . .	5\$00
Florencio António Fernandes . . . . .	1\$50
J. R. D. . . . .	10\$00
Manuel Matias Chaves . . . . .	5\$00
Quete aberta pela Associação dos Marítimos de Sines: entre Carregadores, 15\$00; Barqueiros, 33\$00; Estivadores, 65\$00. Soma . . . . .	113\$00
F. B. Machado . . . . .	10\$00
Quete entre quatro Vidigueiros . . . . .	20\$00
Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa . . . . .	50\$00
Quete aberta pelo Sindicato do Pessoal da Imprensa Nacional . . . . .	204\$25
A. M. . . . .	2\$50
Alberto S. Ribeiro . . . . .	30\$00
Quete na Fuzeta: Manuel Pereira, 5\$00; Alvaro António Gouveia, 5\$00; José Aleixo, 3\$00; Alfredo José Barroso, 2\$50; A. G., 2\$50; José Oliveira, 2\$50. Soma . . . . .	20\$50
Quete na Companhia Carris de Ferro de Lisboa, secção de seralharria: José da Costa Carmo, 5\$00; João Raposo, 5\$00; Francisco Martins, 5\$00; Alberto Pinto, 5\$00; António . . . . .	20\$50

## A confusão grega

### Vai constituir-se um governo de peritos

ATENAS, 27.—Na sua última reunião, sob a presidência do almirante Coundouriotis, novo presidente da república, os chefes de todos os partidos políticos resolveram formar um gabinete de peritos sob a presidência do general Condylis. Esta solução foi adoptada por ser considerada a melhor maneira de se chegar dentro dum curtíssimo prazo de tempo à realização das eleições parlamentares, que provavelmente se realizarão já em outubro. O novo governo será formado ainda hoje. (H.)

## E vai para Creta o ex-ditador Pangalos

ATENAS, 27.—O general Pangalos será transferido para Creta e internado na fortaleza de Izzeidin, para evitar todas as tentativas de fuga.

## Um navio desfeito pela tempestade

HALIFAX, 27.—O aparecimento dos restos da galera "Sadienickie" na costa de Sableland confirma o boato da sua perda, com vinte homens, na tempestade de 13 do corrente. Por causa desta tempestade, aviam-se em mais 30 o número de homens perdidos. (H.)

## Contra a prisão do comandante do paquete "Lotus"

PARIS, 27.—A tripulação do paquete "Lotus" declarou recusar-se a embarcar enquanto as autoridades de Angola conservarem preso o seu comandante por causa da colisão entre aquele barco e um navio turco. O sr. Briand terá amanhã uma conferência sobre o assunto com o embaixador da Turquia agora ausente de Paris. Os passageiros do "Lotus" foram distribuídos por outros navios.

## Uma reunião de imprensa

Para tratar de assunto urgente e importantíssimo, (isenção de franquia) são convidadas as Empresas Jornalísticas a reunir hoje, sábado, 28, pelas 14 horas, na sede do Jornal do Comércio e das Colónias

**Lêde o Suplemento de "A Batalha"**

## Calendário para 1927

Por intermédio da sua gerência em Lisboa recebemos da Société Anonyme A. André e Fils um interessante calendário para o ano de 1927.

Os nossos agradecimentos.



## Em Lourenço Marques continua imperando o terror que Azevedo Coutinho ali estabeleceu

Uma trindade sinistra, feroz perseguidora dos ferroviários

A greve dos ferroviários de Lourenço Marques terminou há cerca de quatro meses e todavia a situação dos que foram demitidos em virtude desse movimento ainda não se modificou. O número de desempregados é grande, e as privações que algumas centenas de trabalhadores vinham sofrendo devido à falta de recursos atingiram um coeficiente espantoso.

Azevedo Coutinho, essa triste figura celebrizada pelos seus crimes, já há muito tempo que não impõe o seu predomínio em Moçambique. Há meses que o «Nero de Moçambique» não se encontra na vasta província espalhando a fome e a dor. Mas os seus processos ainda ali vivem como que a eternizar um regime de morte em Lourenço Marques.

No dia 2 do corrente mês chegou a Lourenço Marques uma ordem do governo, de

admissão de 26 ferroviários nos serviços dos caminhos de ferro. Porém aquela trindade maldita conseguiu que esses 26 homens fossem colocados acuriosos lugares que não eram os seus; e numa situação inferior. Um pequeno exemplo para amostrar: um contramestre entrou como operário e um capataz foi para lareiro.

Não só o pessoal ficou preterido com esta diferença de categorias. A sua situação é hoje muito pior do que à data da proclamação da greve. A sua admissão nos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques fez-se na situação de assalariados.

Quere dizer: aqueles 26 operários ficaram numa situação bastante crítica. A todo o momento podem ser demitidos, pois não pertencem ao quadro dos caminhos de ferro.

## O TRABALHO DIURNO NAS PADARIAS

Há dias no jornal *A Informação* vinha uma pequena local tratando do trabalho diurno e condenando-o acerbamente. Se o dito jornal antes de fazer apreciações se desse ao cuidado de investigar dos motivos que levam os sindicatos dos operários manipuladores de pão do país, a exigir do governo a abolição do trabalho noturno nas padarias, e quanto essa medida se torna benéfica e necessária tanto sob o ponto de vista técnico como sob o higiénico para o consumidor, talvez não fizesse apreciações desfavoráveis mas sim, seria, como toda a imprensa deveria ser, um acérrimo defensor dessa medida.

Mas nós compreendemos bem o objectivo a atingir pelo jornal fascista.

O jornal *A Informação* que é um órgão novo na imprensa e conhecedor de que aos industriais lhes não convém que a elaboração do primeiro alimento da vida se faça de dia, por razões que vamos relatar, lança os primeiros tópicos da questão, para que os industriais o subvençiem, a fim de fazer contra-valor no sentido de que essa medida de utilidade pública não tenha realidade.

Nesta indústria, que manipula um género de primeira necessidade tinha por dever existir uma rigorosa fiscalização pelo Estado; mas não existe e nunca existiu.

Tem-se a imprensa diária referido muitas vezes ao mau fabrico do pão, mas nunca curando saber quais as razões porque isso acontece.

Como pode um operário trabalhando de dia e de noite, só descansando nos intervalos da produção dos preparos, fabricar bem o pão que necessita de ser bem trabalhado para o tornar saboroso, e rodado de todos os pontos de higiene como a técnica desta indústria exige, quando atacado de uma sonolência procura encostar a massa o mais depressa possível, para descansar um pouco da fadiga do seu labor violento, quando isso se não verificaria se o trabalho fosse contínuo e diurno.

Acontece frequentes vezes contra a vontade dos operários adormecerem com a massa estancada para produzir a prontidão da acidez e quando acordam, visto muitas vezes se encontrar só um operário, já a massa tem uma prontidão em demasia que com o tempo de pesar e tender esse pão que podia ser muito saboroso é um puro veneno que o consumidor ingere, produzindo-lhe doenças do estômago e outras que do mesmo derivam. Temos ainda um mal muito maior para a saúde pública com a atmosfera calorífica e o calor violento dos fornos, e as portas das oficinas fechadas, visto o trabalho ser de noite. São poucas as massas que não são cozidas com prontidão em demasia, e torna uma asfixia aos operários desta indústria que são poucos os que não morrem tuberculosos. Atendendo a estes factos e a outros que havemos de trazer a público, como prova o jornal *A Informação* que combatendo o trabalho diurno nas padarias defende o consumidor?

Os sindicatos dos operários manipuladores de pão, de todas as regiões do país, que estão ligados pelo mesmo pensamento, e como lhes cumpre o dever da defesa do estômago do povo porque têm família, e também são consumidores, não mais largarão os poderes do Estado enquanto lhes não fizerem justiça, abolindo o trabalho noturno nas padarias.

Diz ainda o mesmo jornal que aceitando como boa esta medida que também tinham que parar os combóios e não haver jornais, visto que o trabalho nestas indústrias é feito de noite.

Não desconhece o citado periódico que nas indústrias acima citadas, não é em nada lesado o consumidor porque trabalho seja noturno ou diurno e os operários que dela fazem profissão têm 8 horas de trabalho.

Nesta indústria onde não existe horário de trabalho, e a sua elaboração é de dia e de noite e executada pelos mesmos operários devido às más condições em que está regulamentado. Quando regulamentado o trabalho contínuo e diurno, o pão é melhor fabricado, mais saboroso e mais higiénicamente fabricado, e o consumidor come-o mais fresco visto que se está fabricando, cozendo e vendendo.

Esta exposição vem sendo feita a todos os ministros que na pasta do ministério da Agricultura se tem sucedido, e voltando-o já a ser no actual ministro, o seu chefe de gabinete que tem empregado todo o seu esforço no sentido de que em breve esta medida de utilidade pública seja um facto em todo o país, na indústria da panificação.

ALVES,

manipulador de pão sindicalista.

### A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500. A obra mais barata que na geração se publica

### A questão de Tanger

MADRID, 27.—O ministro dos estrangeiros declarou que a Espanha manterá as suas declarações sobre Tanger.

Afirma-se nos meios oficiais que o gabinete Madrid deseja ver resolvido o problema de Tanger antes da reunião de Genebra, e que se assim não puder ser que ao menos se garanta à Espanha um lugar permanente no Conselho da S. D. N.

Em Londres e Paris pensa-se que o problema de Tanger não é susceptível a uma solução rápida. —(L)

### Na Ucrânia também a situação económica é má

MOSCOU, 27.—O conselho económico da Ucrânia anuncia oficialmente, que a situação económica é muito grave devido à diminuição da colheita dos cereais e que a tendência para a alta subida dos preços ameaça desorganizar as exportações.

### Visita de jornalistas à Figueira da Foz

A Figueira da Foz vai ser amanhã visitada por vários jornalistas de Lisboa, que aquela cidade vão a convite da Sociedade de Turismo Figueirense. Está preparada aos visitantes uma cordial recepção, sendo-lhes oferecido um almoço no Casino Peninsular. Os jornalistas retirarão no mesmo dia para Lisboa.

### Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço despendido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, *A Batalha* carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informações, não que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

### Desastre de aviação

Nos quartos particulares do hospital de São José, foi ontem operado no braço direito, pelos Drs. Alberto Mac Bride, Augusto Lamas, e Almeida, o tenente aviador Ernesto José da Costa, que há dias, como noticiamos, foi vítima de um desastre em avião, em Viana do Castelo. A operação correu com êxito, sendo satisfatório o estado do ferido.

## 'A Batalha'

é o único jornal que vigia atentamente as poucas regalias que usufrui o povo trabalhador. Vivendo para o povo ela é bem digna do seu carinho para que não sossobre

### Um caso complicado

Vindo de Evora, chegou a madrugada passada a Lisboa, sendo transportado num auto da Cruz Vermelha à casa de saúde das Amoreiras, onde ficou internado, o proprietário Luís Inácio de Mira Ramalho, que, há dias, ali foi encontrado ferido com um tiro e sem fala, junto do corpo de seu filho, o engenheiro agrônomo António Gomes Ramalho, que também se achava ferido

## AGREMIações VARIAS

Sociedade «A Voz do Operário» — Reuniu antontem a assembleia geral desta colectividade, para apresentação e discussão do relatório moral e financeiro referente ao ano económico de 1925-1926.

Antes da ordem dos trabalhos, a assembleia ocupou-se das calúnias referidas pelos reaccionários contra esta instituição no que diz respeito ao ensino ministrado nas suas escolas às crianças que as frequentam. A assembleia protestou contra essa vil campanha, resolvendo protestar junto de quem tal ousadia teve e que esse seu protesto seja conhecido de todos os jornais, associações operárias e liberais e ainda de todos os sócios, para o que será impresso sendo a estes últimos distribuídos pelos cobradores, independente do que o próximo número do jornal publique sobre o assunto.

Seguidamente e em sessão prorrogada a assembleia discutiu os relatórios da C. A. e do Conselho Fiscal, sendo aprovados depois de vários associados se congratularem pela forma como eles estavam elaborados e muito em especial o da C. A., facto pela primeira vez verificado.

A assembleia acoupiu-se ainda da censura à imprensa e lançou na acta um voto de sentimento pela morte do consócio Frederico Carlos da Costa. As propostas da C. A. e do Conselho Fiscal foram aprovadas. Liga de Desportos Atleticos — Realiza-se na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, a assembleia geral ordinária desta Liga para apreciar a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação, discussão e aprovação do relatório e contas da gerência da comissão administrativa; Entrega das taças aos vencedores do campeonato da época 1925-26; Eleição dos corpos gerentes para a época de 1926-27; Comunicações varias.

### TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9, 15 h.

Penúltimos espectáculos em que tomam parte

Henriette Darny  
Dançarina clássica francesa  
Marion Valdora  
Bailarina fantástica francesa  
Elenita España  
Complecionista espanhola

### PREÇOS POPULARES

Superior, 2500; Plateia ou Balcão, 5000; Camarotes, 15000; Frizas, 20000; Convites, 1500 e 4500.

### Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.  
A venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*.  
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.



### Do estatuto confederal

CAPÍTULO I  
DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado, para a luta pelo desaparecimento do salarido e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

### O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkhino. Preço 1550.

## TIVOLI

Telefone 11. 5474

Às 21 horas

PENÚLTIMA EXIBIÇÃO

## O Conde Kostia

Drama em oito partes, com o eminente artista CONRAD VEIDT

### O HOMEM DE SCIENCIA

«Film» de aventuras, em cinco partes, com PRED THOMPSON e o seu cavalo «RAIO»

### UMA CINE-FARÇA

Revista cinematográfica

Amanhã—Matinée às 3 horas

## Um filho de maus figados

fere o pai a tiros de pistola e alveja quem passa

No Casal do Ouro, local distante 1 quilómetro do Cartaxo, deu-se antontem uma scena de sangue que deixou bastante impressionados todos os seus habitantes. Reside ali, o carpinteiro José Ferreira Sereno, de 53 anos, e com sua mulher Maria Teodoro Canais, de 51 anos, e seus filhos Vitor Ferreira Sereno, de 22 anos, que exerce também a profissão de carpinteiro, e Francisco Sereno, de 19 anos, que presentemente se encontra enfermo. Possui o Vitor uma bicicleta que costuma guardar num barracão, de madeira, anexo à casa onde o pai habita. Antontem, pelas 10 horas da noite, encontravam-se o José Sereno e a mulher sentados à porta da habitação, quando ali apareceu o Vitor trazendo numa das mãos a buzina da bicicleta, a qual fazia tocar desesperadamente. Observou-lhe o pai que não fizesse tanto ruído, visto o irmão encontrar-se doente na cama e carcer de repouso.

O Vitor, porém, longe de atender às observações do autor dos seus dias, antes pelo contrário, ainda mais buzino. Isto fez exasperar o José Sereno, que levantando-se disse para o filho que se ele continuasse com a brincadeira, lhe iria inutilizar a bicicleta e em seguida dirigiu-se para o barracão, onde aquela se encontrava arreada.

Quando, porém, ali chegou, já o Vitor se lhe havia antecipado, entrando naquele por uma outra porta e ali de pistola em punho aguardava a entrada do pai. Mal o José Sereno transpôs os portais do barracão, foi recebido a tiro pelo filho, que o atingiu com dois projecteis no braço esquerdo, um no lado esquerdo do torax, outro nas costas e outro na boca.

Vendo o pai prostrado, o Vitor saiu para a rua, onde continuou fazendo logo, indo mais dos dois projecteis atingir na nuca e no ombro esquerdo, fracturando-lhe a omoplata, Adelaide Pinto, casada com Luís Miranda, estabelecidos com mercearia em frente da casa de José Sereno, a qual ali se preparava para ir acompanhar a casa de sua avó, Maria José Pinto, uma sua filha de 9 anos, de nome Conceição, que por milagre não foi também atingida.

Acudiram então várias pessoas entre elas o negociante de vinhos Francisco Nogueira, que prendeu o agressor a quem foram encontradas nos bolsos mais 20 balas.

O Vitor, que já há cerca de um ano pretende também agredir seu pai à facada, o que lhe foi obstado pelo Luís Miranda, foi removido para o Cartaxo em cuja cadeia deu entrada.

Entretanto, eram os feridos socorridos e conduzidos para o Cartaxo, onde no hospital lhe foram ministrados os primeiros socorros pelo dr. Rebordão, seguindo ontem de manhã para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha os transportou ao hospital de São José, em cujo Banco foram observados pelo cirurgião de serviço dr. José Paredes, sendo o José Sereno ali operado por aquele clínico coadjuvado pelos Drs. Bastos Gonçalves e Cunha Meneses, e recolhendo os dois feridos, depois de devidamente pensados, à Sala de Observações.

### TEATRO AVENIDA HOJE

Telef. 11. 4356 E TODAS AS NOITES

O FAMOSO

Dr. da Mula Ruça

Primoroso desempenho

Orquestra Jazz-Band

### Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda

uma bela obra de

RICARDO MELLA,

«IDEÁRIO»

que consta dum volume

de 336 páginas dividido

nos seguintes capítulos:

Doutrina — Crítica Social — Educação Libertária — Tática — Evolução e Revolução — Violência — Libertação e Autoridade — Ensaio Filosófico — Ideário — Ideias Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espanhola — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento inédito.

Preço 15500 — Pelo correio 16550

Pedidos à Administração de

«A BATALHA»

### Para garantir a existência

de A BATALHA bastará que

cada leitor lhe arranjar outro

leitor, que cada assinante lhe

arranje um novo assinante.

### TEATRO NACIONAL HOJE

COMPANHIA

Ida Stichini-Alexandre Azevedo

A representação da comédia em 3 actos

de Raúl Gerdády e Robert Spitzer,

tradução de Mário de Sotomayor

e Carlos Abreu

Se eu quisesse...

Nos primaciais papeis:

Germana—Ida Stichini. Marcela—

Albertina de Oliveira. Luisa—Maria

Emília. Filipe—Alexandre Azevedo.

Berkier—Raúl de Carvalho. Panon—

Luís Pinto. Renê—Octávio Brancão.

## A BATALHA

## NA PROVINCIA E ARREDORES

### Ferreira do Alentejo

A carestia da vida

FERREIRA DO ALENTEJO, 26.—Os exploradores e detentores da propriedade cá do burgo, meditam em assaltar a bolsa do contribuinte. Aproveitando a circunstância do tempo não lhe ser favorável, choram lágrimas de crocodilo a ver se os que eles exploram, se condoem da miséria em que ficaram... Para recuperar o perdido deste ano, pensam em elevar o preço da farinha e o dos mais géneros de primeira necessidade. Levaram eles ántes esta ignóbil extorsão que meditam na sombra?... E o que resta para a classe que produz, que lutando com falta de trabalho há bastante tempo, e auferindo salários irrisórios de 7 e 6 escudos diários, lhe acrescentem mais esta vilania, para este povo que sofre resignadamente sem ter um gesto de revolta, que faça mudar este estado de cousas.

### Propaganda religiosa

A propaganda religiosa está sendo feita aqui pelos adeptos da seita de Lolola com frequência e descaramento. O padre aqui tem o apoio da burguesia, embora a maioria do povo lhe seja indiferente, ele vai tentando nalgumas pessoas mais inconscientes a infiltração das suas ideias retrogradadas e hipócritas.

E' entre as crianças e as mulheres que ele faz propaganda, chegando-lhe a dizer que para a sua salvação tem que ser baptizadas e aprender as orações, se não quando morrerem são enterradas como os cães. Por isso alguns ingénuos acreditando todas estas patranhas, têm aluído a irem-se baptizar em grande número.

### Murtosa

Inconsciência operária

MURTOSA, 26.—Aqui neste cantinho remoto não há um único operário que saiba cumprir com os seus deveres de trabalhador, que não ignore completamente as regalias conquistadas pelos seus camaradas doutas localidades. Todos eles pegam ao trabalho logo ao nascer do sol; não têm horas de descanso, nem horas certas de refeição e largam o trabalho meia hora depois do sol posto.

Esta inconsciência enoja-nos e revoltamos, tanto mais que em localidades bem próximas, como Aveiro, Ovar, Espinho e Estarreja, o horário de trabalho já é cumprido.

Bem sabemos que as 8 horas de trabalho estão decretadas por lei, mas elas só conseguem vigorar quando os operários as sabem conquistar.

Quando será que os operários desta vila se prepararam para imitar os seus camaradas doutas localidades reclamando as 8 horas de trabalho e preparando-se para dar o seu esforço para conquistar todos os direitos a que têm jus?

A exploração aqui é infame no que diz respeito à aprendizagem nos trabalhos da Construção Civil. Não há mestres diplomados, e por esse motivo constroem-se galoas a que dão o nome de prédios. Todos aqui têm nome de mestres — incluindo os próprios serventes. Há mestres que levam aos patrões 8, 9, e 10 escudos por cada aprendiz e só lhes pagam metade ou ainda menos alegando que a diferença que metem nos seus bolsos são uma regalia sua, quando se trata dum duplo roubo feito aos patrões e aos operários.

### TEATROS

No Nacional

«Se eu quisesse...» de Paul Gerdády

e Robert Spitzer, tradução de

D. Maria Sotomayor e Carlos Abreu

Depois de «Os Filhos» a peça de Paul Gerdády e Robert Spitzer «Se eu quisesse...» que uma elegante tradução de D. Maria Sotomayor e Carlos Abreu verteu para português. É uma obra requintadamente amorosa, romântica e quasi inofensiva. Se as mulheres se puzessem a experimentar se podiam fascinar o sexo forte, para onde iriam muitos maridos! A equação tem de contar com dois elementos primaciais, a fraqueza feminina e a força masculina.

E' uma tese curiosa no palco mas muito arriscada na scena de todos os dias. Quantos embustes em volta dessas tentativas de coqueteria feminina, e que grande dificuldade haveria em saber quando se tratava duma simples experiência e quando dum facto consumado. Esta peça seduz principalmente as mulheres porque explica muitas vezes certas atitudes e justifica até muitos desvios...

Mas, «Se eu quisesse...» é a pesar de tudo uma obra de teatro com dois óptimos primeiros actos, bem traçados, com espirito e com carpintaria.

O segundo, principalmente, é excelente. O desempenho esteve incontestavelmente à altura dos artistas que nele tomaram parte. Ida Stichini, organização artística duma estranhamente habilidade, encantou (é o termo) toda a sala. O segundo acto foi desenhado com uma naturalidade que não pode ser excedida. O jogo fisionómico foi completo, retratativo de sentimentos, justo, exactíssimo. Há, mantem sciosamente, lugar que soube conquistar. Dificilmente será desmontada.

Alexandre de Azevedo, actor de grandes recursos, consciencioso, se em todos os actos os agrados excede-se, ainda mais, em todo o segundo acto. Multíssimo bem Raúl de Carvalho. Disse com equilíbrio, e manteve o tipo interessante que lhe coube, com uma rara sobriedade. Corretos, Albertina de Oliveira, Luís Pinto e Octávio Brancão. De bom gosto e delicada a parte decorativa da peça.

Nogueira de BRITO

A nova peça do Nacional

A nova peça da companhia Ida Stichini

e Alexandre de Azevedo foi ontem absolutamente firmada pelo público. «Se eu quisesse...» glorioso triunfo literário do teatro francês, encontraram na insigne comediante e nos seus ilustres colegas Alexandre de Azevedo, Raúl de Carvalho, Albertina de Oliveira, Luís Pinto e Octávio Brancão, o mais brilhante, se não o mais notável dos desempenhos que lhe têm sido dados.

Obteve a mais entusiástica recepção a Companhia Cremilda de Oliveira que ontem se estreou no Ginásio. A peça escolhida para sua apresentação foi «O bombom», comédia musicada, original de Pedro Bandeira e Alvaro Leal, para a qual compuzeram uma partitura os maestros Raúl Ferrão e Angel-Gomez. Hoje, no Ginásio, repete-se «O bombom», que, a pesar do enorme agrado obtido, poucas mais representações

### Evora

Pretende-se salvar as touradas

da sua decadência

EVORA, 26.—Tem sido enorme a propaganda que nesta cidade se tem feito contra este deprimente espectáculo que, por infelicidade nossa, para muitas pessoas representa um divertimento.

As touradas à portuguesa tendem a desaparecer por si só, não sendo necessárias muitas palavras de protesto contra tal «divertimento». Durante a presente época já aqui se realizaram quatro touradas, mas isto não significa que elas tenham mais admiradores; antes pelo contrário: a assistência não vai além de meia praça, tendo até, na ultimamente efectuada pela Associação dos Empregados do Comércio—parece mentira que os caixeiros tivessem tal iniciativa—uma concorrência pouco excedeu um quarto de praça. Por aqui se deduz que o espectáculo vai morrendo pouco a pouco, e tem tanta certeza disso os que o exploram, que já ensaiaram um processo de o levantar, introduzindo a «inovação» dos touros de morte.

Não foi para demonstrar filantropia que se pretendeu levar a efeito a tourada a espanhola. A razão poderosa que os levou a tentar semelhante monstruosidade foi unicamente o que atrás dizemos.

Da campanha contra os touros de morte já *A Batalha* disse que coube o primeiro lugar às classes trabalhadoras, protestando, por meio de manifesto, assim como ao conselho superior das Mulheres Portuguesas. Os jornais da capital transtagnana, *Notícias de Evora* e *Democracia do Sul*, seguiram, cada um, caminho diverso; o primeiro contra as touradas, e o segundo fazendo a sua apologia de tal forma que pouco faltou para declarar que onde não existe este espectáculo a criminalidade aumenta.









## DOENÇAS PROFISSIONAIS

### A HÉRNIA--ACIDENTE DO TRABALHO

A hérnia é muitas vezes recusada como acidente do trabalho, porque os médicos peritos e os tribunais, em face da impossibilidade em que se encontra o doente de estabelecer nitidamente a relação entre a causa e o efeito, instituíram uma jurisprudência particular a esta lesão.

Não são admitidas de maneira certa senão as hérnias provocadas por circunstâncias que tornem verossímil a sua súbita aparição.

Tem-se querido fazer a classificação das hérnias em hérnias de fraqueza (fraqueza da parede abdominal) e hérnias de força (devidas a uma força exterior ou pessoal, que aumente a pressão abdominal ou a tensão da parede).

Esta classificação deixa uma grande incerteza anatómica, e o mecanismo fisiológico tem promovido discussões de que se não tirou claramente nenhuma conclusão razoável.

Preferiria que se denominassem lesões herniárias as manifestações consecutivas ao trabalho que se verificam nos lugares de eleição da parede abdominal, porque nem sempre há verdadeira hérnia. Muitas vezes, não há senão formação dum saco que o intestino, pela acção da pressão abdominal, irá distendendo pouco a pouco até ficar em contacto com a pele. E' o que se observa muitas vezes por cima e para fora do orifício externo do canal inguinal. Se a designação de hérnia não convém perfeitamente, a de evaginação não parece ser mais exacta. Mas a de hérnia, mais popular, caracteriza melhor os relaxamentos da parede, com todas as consequências possíveis.

O que interessa ao doente é a sua lesão, compreendendo-se todas as complicações futuras.

\*\*\*

Um trabalhador queixa-se de ter contraído uma lesão herniária durante o trabalho. O exame dos peritos, que é quasi inevitável, terá por objecto:

- 1.º de constatar a lesão;
- 2.º de admitir ou de rejeitar a relação entre a causa e o efeito;
- 3.º de apreciar as consequências.

Durante muito tempo, foi habito não admitir como acidente do trabalho senão hernias acompanhadas de manifestações ruidosas, trágicas mesmo: o doente gritando, contorcendo-se, vomitando, suspendendo o ventre. Mas a guerra, que deu lugar à aparição de numerosas e verdadeiras hernias deste género, nos soldados reconhecidos previamente indenes de toda a distensão parietal, mostrou que seria exagerado exigir semelhante ruído.

Elis o resumo dum relatório de exame do Doutor Paul, que relata circunstâncias muito reduzidas, todavia suficientes para formar o seu juízo no caso de uma hernia num trabalhador anteriormente indene:

F... de 28 anos, levanta com três colegas um «chassis» de 180 quilos. Sente uma dor na virilha direita. Largou o trabalho e vai a uma dependência para ver o que tem, verificando uma ligeira tumefacção.

Terminou o seu dia de serviço ocupando-se de trabalhos moderados, não tendo havido nada de trágico.

A companhia de seguros, que se apoia no processo antigo, observa que ele não teve vômitos, nem síncope, nem equinose... Sem negar a existência de hernia, atribui-a mesmo a um esforço, recusando-se, porém, a aceitá-la como acidente do trabalho.

O doente, tendo sido operado no hospital, retomou o trabalho ao fim de seis semanas, o que parece normal, admitindo o Doutor Paul o acidente do trabalho.

Vejam os agora o espírito dum outro relatório de exame pericial muito interessante:

O empregado dum escritório, ao encerrar o soalho, escorrega, cai violentamente, sentindo qualquer coisa na virilha. Deixa de encerrar, podendo, porém, continuar a permanecer. Vejo-o no dia seguinte com uma hernia inguinal, pelo que entra no hospital, onde é operado.

Mas, consecutiva à operação, uma flebite obriga-o a permanecer no hospital muitos meses, ficando possuído de incapacidade parcial, permanente.

Naturalmente, a companhia nega o acidente. Os peritos, drs. Brouardet, Guibert e Schwartz, admitem a relação entre a causa e o efeito, bem como uma incapacidade parcial, permanente, de 20 %.

Em regra geral, a questão médica em identicos exames, é a seguinte: O traumatismo ou o esforço pôde determinar uma distensão da parede?

Acabo de ter conhecimento dum relatório de três peritos dum tribunal de Allier num caso semelhante, relatório muito breve, demasiado breve.

Os peritos constatarem um alargamento dos anéis inguinais, mais marcado à direita, com saliência quando tosse, sem verdadeira hérnia. O doente não teve, na ocasião do acidente, ocorrido ao levantar uma pesada pedra, manifestações clamorosas, podendo mesmo continuar a trabalhar.

Os peritos descuram, contudo, mencionar que o doente é contramestre e, por consequência, destinado a vigiar o trabalho em que tinha participado.

Recusam-se a aceitar a relação entre a causa e o efeito, depois de, em estilo telegráfico, terem notado, sem nenhuma discussão: «Não houve síncope; não houve vômitos».

Tal processo, parece-me desviar-se, com demasiada facilidade, da jurisprudência nova, que é a mais lógica e a mais humana. Em resumo, convém saber que os esforços, às vezes insignificantes na aparência, e até habituais no decurso do trabalho, podem determinar lesões herniárias, e que a lei de 1893 é aplicável nestes casos.

(Do Droit Ouvrier)

Dr. HERVE

«Educação Social»  
Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retozeiros, 125—LISBOA.  
A venda na administração de «A Batalha».

## LUTA DE CLASSES

### A Federação Têxtil dirige ao operariado da indústria um vibrante apelo de defesa do horário de trabalho

Acompanhado do pedido de publicação, que gostosamente fazemos, a Federação dos Operários da Indústria Têxtil enviou-nos o seguinte apelo:

«Em face do perigo de desaparecimento que se vem observando e ameaça o regime das 8 horas diárias de trabalho, mercê dos esforços e do capitalismo têm empregado e desenvolvido neste sentido, a Federação Têxtil resolveu, na ultima reunião da sua comissão administrativa, encetar um grande movimento pró-defesa de tão grande e cara regalia proletária.

Para isso, já oficiou a todos os seus sindicatos aderentes, encarecendo-lhes a imperiosa necessidade que há de promoverem, imediatamente, reuniões de propaganda a favor do integral e fiel cumprimento do justo e humano horário em vigor; e de publicarem manifestos nos quais se faça ver os prejuízos que da sua abolição podem advir para a vida dos trabalhadores.

Nesses officios ofereceu também aos mesmos sindicatos, todo o apoio intelectual, moral e material que esteja ao seu alcance e de que careçam para levarem a cabo tão necessário e urgente movimento.

E de aqui apela para a consciência dos trabalhadores têxteis, a fim-de que acorram em massa às reuniões de propaganda que se vão realizar pró-defesa da mais cara regalia proletária conquistada até à data e agora mais do que nunca ameaçada de perigo de desaparecimento pelo criminoso egoísmo e capitalismo, que apoiando-se numa situação política favorável aos seus nefastos privilégios e predomínio, tenta a todo o custo cercá-la.

A crise de trabalho, que já há bastante tempo se vem desenhando e tem atirado para o desemprego, para a miséria, para a fome, um grande numero de trabalhadores, outra coisa não é, senão o resultado das pretensões e dos maneios patronais e capitalistas, para derrubarem, para abolirem o horário das 8 horas diárias de trabalho. E, portanto, uma crise forçada, uma crise propiciada, à qual os trabalhadores, fortemente organizados nos seus sindicatos profissionais, têm de responder dum maneira decisiva e enérgica, se não quiserem ver perdido aquilo que mais caro lhes tem custado no campo da luta em prol dum melhor futuro: a sua integral emancipação.

Os trabalhadores não devem admitir que se volte aos tempos odiosos da escravidão, unicamente para gáudio dum burguesia estúpida, esbanjadora e devassa, que só pensa em gosar o parasitismo e a ociosidade à custa do suor, da miséria, da fome e das lágrimas da imensa família produtora!

Enquanto houver uma aluvião, como há, de ociosos e parasitas que nada mais faz do que devorar o que os outros produzem, ainda com a agravante de insultarem os que passam as maiores privações para que eles rebentem de indigestão, os trabalhadores devem ir reduzindo o horário de trabalho como suprema garantia de caminho seguro para a cidade ideal — a sua integral emancipação—porque só assim esses ociosos e parasitas irão compreendendo que os trabalhadores não têm obrigação de sustentar quem não trabalha; que não virá longe o dia em que eles também terão de produzir se quiserem ter direito a vida.

Se não há produção é porque a burguesia, por espírito de «revanche», não quer reconhecer o horário em vigor, imaginando que assim esmagará melhor os operários. Proletários têxteis: preparal-vos conscientemente para a defesa das 8 horas diárias de trabalho, que neste momento, mais do que nunca, estão ameaçadas de desaparecer!

Organizal-vos fortemente dentro dos vossos sindicatos profissionais e acorrei em massa às reuniões de propaganda que em prol de tão grande e cara regalia se vão realizar!

Que a vossa resposta à ameaça da abolição das 8 horas, seja a reclamação do horário de 6 horas!

### Horário de trabalho

#### As disposições legais

A secção editorial de «A Batalha» acaba de editar, em folheto, o decreto 5518, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preceito o seguinte:

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abetimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Deitados à administração de «A BATALHA»

### Aos assinantes de «A Batalha»

Seguem nesta data para o correio os recibos dos nossos estimáveis assinantes a quem prevenimos que, sendo o pagamento da assinatura adiantado, não devem estranhar de lhes serem presentes alguns dos referidos recibos passados com o mês de setembro.

Dada a grave situação que «A Batalha» atravessa esperançosamente ficamos no bom acolhimento.

### Saudando uma educadora

#### Sindicato Unico Metalúrgico

O Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas de Lisboa, estando integrado nas hostes revolucionárias que desejam e pretendem a transformação desta sociedade, na qual se permite a ignominia da exploração do homem pelo homem, não esquece que a missão dos sotaímas da Igreja católica é de molde a fazer perdurar a actual sociedade e lastima que no Congresso Pedagógico se não tivesse tratado, como se devia, assuntos de carácter educativo isentos de dogmas, e protesta, pois, contra a forma desleal e facciosa dum grupo de professores que, quecendo a sua nobre missão de educadores, tentaram aniquilar a voz dignificadora da professora D. Vitória Pais, e declara prestar-lhe toda a sua solidariedade moral, incitando-a a prosseguir em tão nobre missão.

### O Comité Pró-Presos por Questões Sociais aos trabalhadores de todo o país

Longe de diminuir o numero dos presos sociais, ele aumenta em cada dia que passa e essa circunstância é o suficiente para que todos os trabalhadores contribuam com a sua cota-parte de solidariedade monetária, para atender em parte à misérrima situação económica em que os presos e suas famílias se encontram.

Este Comité, que tem procurado por todos os meios ao seu alcance conseguir receita para manter os subsídios anteriormente estabelecidos, constata que a solidariedade monetária prestada pela classe trabalhadora tem diminuído nestes últimos tempos.

Não podeis, camaradas, esquecer aqueles que, por defenderem uma melhor situação para todos os que trabalham, provocaram contra si o ódio dos que nos exploram e dos governantes, visto que só por esse motivo se encontram privados da liberdade e do convívio das suas famílias, de quem eram valioso amparo.

Hoje, sábado, devem os operários abrir quetes nas fábricas, oficinas e outros locais de trabalho, contribuindo assim para que o auxílio que tem sido prestado aos presos não só continue, mas, se possível for, seja aumentado.

O Comité Pró-Presos Sociais.

### O LIVRO DOS LIVROS...

### A Bíblia está recheada dos erros mais palmares e das contradições mais flagrantes

Examinemos, atentamente, as origens de tudo quanto a Bíblia encerra acerca do mito da criação:

Na teogonia egípcia, no princípio do mundo, isto é, à saída do signo de Cancer, que era quando principiava o ano, o espírito divino, isto é, o vento (pois que espírito e sopro eram, então, sinónimos) sopra sobre as águas, anunciando a inundaçã do Nilo, a grande força germinadora; esse espírito personaliza-se no Deus Chnum, que flutua sobre o Nilo, enquanto este corre a terra num abraço de amor. De aqui veio para o Génesis a expressão: «E o espírito de Deus era levado sobre as águas».

Na mesma teogonia, Sha (o sol) aplanava a terra e separa as águas, constituindo com umas os rios e os mares, e fazendo das outras as águas do alto (as cataratas do céu de que fala o Génesis) sobre as quais flutuam os astros. Também ali, os filhos da rebelião, que são as forças malévolas da natureza, sob a obediência da serpente Apap, procuram destruir a obra divina, como no Génesis é a serpente que introduz o mal no mundo, perturbando a harmonia da criação, seguidamente à rebelião dos anjos contra Deus.

As leis do Manu (origem ariana da Bíblia...) encerram como a Bíblia hebraica, a relação da genesis do mundo; da instituição sacerdotal; dos preceitos de carácter individual, familiar e civil; dos deveres do príncipe e das castas; da organização civil e militar; das leis penais e religiosas. Não parece ter servido de modelo aos redactores da Bíblia?

No Zend-Avesta o mundo é criado em seis gahans, como no Génesis em seis yoms (dias ou épocas); o primeiro par humano é criado no reino do Bem, correspondente ao Eden bíblico; o mal é introduzido no mundo pela serpente de Abrimam, como na Bíblia pela serpente tentadora; os anjos das trevas levantam-se em guerra contra Ormuzd, havendo desde então, como nas crenças cristãs, a divisão dos anjos em bons e maus; os anjos bons são divididos em cherubins, serafins, tronos e dominações; o fim do mundo é indicado para o termo dum prazo de seis mil anos; ao cabo virá o cordeiro reparador, da natureza, que é o cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo em que os homens são santos; e como no cristianismo há a eucaristia, formada de pão e vinho e na antiga lei havia o pão da propiciação, assim na Pérsia havia o pão assim dos iniciados.

Os lamas do Thibet crêm que, depois de ter criado os quatro elementos, como estes ficassem confusos, Deus soprou sobre as águas (o sopro de Deus era levado sobre as águas...), e então mandou uma parte do seu ser ou alma a cada um dos seres destinados a ser animados e que o homem é o ser que mais se aproxima da perfeição divina (feito à imagem e semelhança de Deus, diz a Bíblia).

No Bun-Dehesch, que é o Génesis dos Parsis, diz-se, como na Bíblia, que o princípio estavam confundidas a luz e as trevas, e que, tendo o tempo efectuado a sua separação, assim apareceram Ormuzd e Abrimam. «E achou Deus que a luz era boa», diz o Génesis, porque Ormuzd, Deus da luz, é por igual o Deus do Bem.

No Génesis lê-se: «Os deuses (Elohim) criou...» E' uma tolice gramatical resultante da adopção da cosmogonia politeica da Chaldaea e do Egipto, enxertadas no monoteísmo mosaico. Elohim eram os deuses dos egípcios e entre os persas e os caldeus uma espécie de anjos ou deuses inferiores, génios dos meses e dos planetas.

O misterioso livro do misterioso Oan, que Berosus dava como conservando-se ainda no seu tempo em Babilónia, dizia que, no princípio, havia homens com um e outro sexo. Também a Bíblia nos diz que Deus criou o homem «e macho e fêmea o criou».

E' evidente, por todas estas aproximações, que a Bíblia não passa de um reflexo, nem sempre feliz, das teogonias orientais. Mas a matéria não está exgotada. Temos ainda muito que ver.

\*\*\*

Continuando a aproximar as lendas bíblicas das lendas caldaicas, vemos que esta última teogonia possuía, também, o Eden primitivo, transformado mais tarde no Egipto, na sua idade de ouro, e o di-

lúvio, e a dispersão das raças, e o Deus que se sacrificia para a salvação dos homens.

A mãe Eva, comendo a maçã, por cuja indigestão todos fomos iniciados no pecado, é uma adulteradora da Aeonides plénicos, ensinando os filhos a alimentarem-se dos frutos das árvores.

O autor do Génesis diz que havia no meio do jardim edénico uma árvore da vida e que, depois do pecado, Deus fez expulsar nossos pais do Eden, para que não fossem eles comer do fruto da tal árvore e tornarem-se, por essa forma, imortais. Assim teriam corrigido a mais funesta consequência do pecado — a morte.

Ora desde que se saiba que os arianos em geral chamavam à vinha a árvore da vida, e que a serpente que nos fez perder a felicidade edénica é, nas mitologias arianas, a cobra do inferno, compreende-se bem a alegoria: se o homem soubesse já fabricar o vinho não teria por que temer os assaltos da serpente...

Como pôde, porém, a mitologia ariana influir sobre os livros judeus?

Em primeiro lugar, já acima dissemos que no povo judeu há um elemento semita e um elemento ariano. Mesmo sem isso, porém, averiguado que a redacção definitiva do Génesis foi obra posterior ao cativo da Babilónia, tudo se explica pelas relações anteriores com a Índia, no tempo de Salomão, e depois com os persas que os emanciparam do cativo babilónico.

Os orientais representaram sempre o mal e o inferno numa mesma figura: a serpente. Nos livros dos Parsis, Ahriman, o deus do mal, é chamado a grande cobra e o mentiroso. O Génesis chama a serpente tentadora Arum, isto é astuta o que dá também a ideia dum ser ardiloso e enganador. Nos livros cristãos acentua-se mais essa ideia. Satanaz, essa serpente cuja cabeça o Cristo veio esmagar, é denominado o Pai da Mentira.

Na cosmogonia do Tibet aparecem vestígios mais apagados do mesmo mito, se bem que, como no Génesis, lá aparecem os quatro rios. Junto a uma grande árvore estavam colocados quatro rochedos, de cada um dos quais saía o seu rio sagrado. Um deles fazia face ao Oriente, outro ao Sul, outro ao Poente e o último ao Norte, colocados os quatro pontos do círculo Zodiacal: os solstícios e os equinócios.

Compreende-se o símbolo. O tempo tem sido constantemente comparado à água que corre. A árvore da vida subsiste enquanto as estações do ano vão correndo, harmonia apenas perturbada pelo pecado, isto é pela nossa fragilidade que nos torna fatal a morte.

Heliodoro SALGADO

### SOLIDARIEDADE

Conforme noticiámos, realiza-se no dia 4 do próximo mês de Setembro uma festa de auxílio à companhia do operário Joaquim Alves que há longos meses se encontra enfermo.

A comissão desta festa convida todos os que têm bilhetes em seu poder a vir hoje à secção dos pedreiros liquidar as suas contas, das 21 às 23 horas.

Em favor do jornalista João Regala

Ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa foi ontem enviada por uma senhora, de alma gentilíssima e generosa, a quantia de quinhentos escudos para ser entregue ao jornalista sr. João Regala, que se encontra doente em Pendão—Belas.

—Comunica-nos o operário José Ribeiro que recebeu a quantia de 32\$00, proveniente de uma subscrição aberta pelo seu camarada Anibal de Almeida nas obras da escola Machado de Castro.

### MALAS POSTAIS

Pelo «paquete Wasser» são hoje expedidas malas postais para a Madeira; Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires e por via Funchal para a Africa Oriental e pelo «paquete Loanda» para Cabo Verde, Bissau e Bolama, sendo da Caixa Geral as ultimas tiragens das correspondências ordinárias respectivamente às 10 e 13 horas e para a registada recebem-se até às 11 horas para o «paquete Loanda». For via Algeiras e Gibraltar também se expedem malas do correio para a ilha de Timor, efectuando a última tiragem às 17.40.

### Rendimentos dos operários

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensado, recolhendo depois à Sala de observações do Banco do hospital de São José, Agostinho Diaz, de 61 anos, natural de Espanha, cabouqueiro, residente na Estrada de Baixo, 12, que numa fidejura de J. Hilário dos Anjos, na rua da Cruz a Alcantara, foi colhido por uma pedra, ficando com um braço e costelas fracturados além de várias contusões pelo corpo.

## VIDA SINDICAL

### Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Reuniu-se a Comissão Administrativa que deu posse aos camaradas nomeados no último Conselho geral, pelo que a comissão fica assim constituída: Secretário geral, Alberto Monteiro, secretário adjunto, Raúl Curado, secretário administrativo, Ernesto Bonifácio, tesoureiro, Guilherme Artibeiro e secretário arquivista Alexandre de Assis, resolvendo que as suas reuniões ordinárias se efectuem, todas as quartas feiras, às 21 e 30 horas.

Para bom andamento da escrita desta Câmara, ficou assente que nenhum pagamento será feito, sem que seja ouvida toda a comissão administrativa e os recibos só serão satisfeitos pelo tesoureiro depois de vistos pelos secretários administrativo e geral, sendo da responsabilidade da actual comissão todo o movimento do caixa, sómente dada data para o futuro.

Tratou-se largamente das questões de horário do trabalho, crise de trabalho, crise de habitação, tendo-se ventilado a hipótese da realização de um congresso local, ficando para a próxima reunião da comissão administrativa a apreciação dum estudo sobre todos estes assuntos.

Foi aprovado pela comissão administrativa que na acta se lançasse um voto de congratulação pelo gesto que teve D. Vitória Pais no recente Congresso Pedagógico, levantando a sua voz em defesa da crença que neste momento é vitimado decreto que criou o ensino religioso nas escolas.

Por último a comissão instaladora ao ter iniciado os seus trabalhos, saudou todo o operariado de Lisboa, sciente de que vamos enfim entrar numa nova fase de trabalhos e espera de todos os operários um auxílio moral tendente a poder levar a bom fim a obra que se propõe realizar; não esquece todavia os presos e deportados por questões sociais para quem também as suas saudações, lembrando neste momento o camarada ferroviário Miguel Correa que por um suposto abuso de liberdade de imprensa se encontra incomunicável há oito dias.

### COMUNICAÇÕES

**Sindicato Unico Metalúrgico** — Reuniu em assembleia geral sendo lido o expediente que constava duma circular da União Anarquista Portuguesa e da Federação das Juventudes Sindicalistas sobre o conflito da C. G. T.

Sobre essa circular foi aprovada por unanimidade uma questão prévia repudiando-a. Entrando na ordem dos trabalhos, discutiu-se o regulamento da biblioteca que depois de várias emendas foi aprovado por unanimidade.

Sobre o preenchimento de delegados à Câmara Sindical do Trabalho foram nomeados José dos Santos e Manuel Ferreira da Silva.

Nos assuntos diversos é lida uma declaração de António Vicente, delegado do sindicato à Federação Metalúrgica sobre discordâncias com o seu co-delegado Emídio Santana acerca do conflito da C. G. T., sendo aprovada a seguinte proposta:

«A assembleia geral do Sindicato Metalúrgico de Lisboa reunida em 26 de Agosto de 1926, depois da leitura duma declaração do delegado à Federação Metalúrgica em Portugal, António Vicente, na qual se nota uma absoluta discordância na orientação deste organismo exposta no Conselho Federal pelo outro delegado Emídio Santana, resolve:

«convidar Emídio Santana a integrar-se nos objectivos do Sindicato, em conformidade com resoluções de outras e desta assembleia geral no respeitante ao assunto C. G. T.»

Pela assembleia geral foi aceite e aprovado o seguinte documento dos camaradas afastados do sindicato:

«Os militantes metalúrgicos afastados da actividade sindical por virtude de não concordarem com a resolução tomada por maioria na assembleia geral do Sindicato de Lisboa realizada em 20 de julho p. p. no respeitante à atitude que os seus delegados à C. G. T. tomaram dentro daquele organismo a quando do último movimento militar;

«Considerando que a assembleia realizada em 27 de julho lhes ratificou toda a confiança e apoio mútuo bem como notificou a sua volta à actividade sindical;

«Considerando que o seu indefinido afastamento do labor sindical só contribuiria para um maior desagregamento da família metalúrgica, ao passo que, no momento que decorre, se observa a necessidade duma maior coesão;

«Considerando que uma parte daqueles que mais se esforçaram porque fossem afastados os ex-delegados à C. G. T. Quirino Moreira e António da Graça são indivíduos que se têm portado duma forma desleal e derrotista;

«Resolvem declarar publicamente o seguinte:

1.º Que continuam mantendo na integra os seus pontos de vista aliás expostos no sindicato, a reuniões sucessivas que se coadunam com a atitude tomada pelos delegados citados a quando do movimento de 28 de maio do ano corrente, julgando-se pois, e sempre dentro da ideologia sindicalista revolucionária.

2.º Voltar à actividade tanto nas células do sindicato como da Federação, isto em obediência à matéria contida na moção a que se refere o primeiro considerando deste documento e depois da publicação deste na «Batalha».

**Federação Metalúrgica.** — Reuniu o conselho federal na quarta-feira transacta, tendo tomado conhecimento do expediente que constava de officios do Sindicato Metalúrgico de Crestume, acreditando Artur Cardoso e Teodoro da Silva, como delegados ao conselho; do sindicato metalúrgico do Porto nomeando seus delegados M. Ferreira da Silva e Adelino Ferreira. Foram também lidos officios da U. S. O. de Faro e do sindicato metalúrgico desta localidade, comunicando a reorganização deste último organismo; do sindicato de Vila Nova de Gaia referindo a sua vida interna e comunicando aguardar o momento oportuno para normalizar a sua delegação no conselho federal; do Comité Metalúrgico de Propaganda no Norte elucidando acção desenvolvida, principalmente em Rio Maior.

e em Braga, e alguns manuscritos de São de Sousa pró-organização metalúrgica.

Foi também apreciada uma circular da Federação Metalúrgica Alemã (Berlim) convidando esta federação a fazer-se representar no congresso a realizar na Holanda e pedindo informes estatísticos por intermédio dum questionário. Foi resolvido responder fazendo sentir a impossibilidade deste organismo em enviar um delegado a essa reunião cuja importância reconhece.

Entrando-se na ordem dos trabalhos — preenchimento de cargos vagos e apreciação da atitude dos camaradas demissionários, bem como a deliberação do Sindicato Metalúrgico de Lisboa em sua assembleia de 27 de julho respeitante aos camaradas afastados, o conselho julgou não haver motivo forte para que os camaradas demissionários mantenha tal atitude — pelo que foi aprovada uma proposta convidando os referidos camaradas a retomarem os cargos que exerciam na Federação. Igualmente foi aprovada uma moção apresentada pelos mesmos camaradas cujas conclusões são as seguintes: 1.º Que continuam a manter os seus pontos de vista aliás expostos no sindicato em reuniões sucessivas que se coadunam, com atitudes tomadas pelos delegados citados (Quirino Moreira e António da Graça) a quando do movimento de 28 de maio do ano corrente, julgando-se pois e sempre dentro da ideologia sindicalista revolucionária.

2.º Voltar à actividade tanto nas células do sindicato como na Federação, isto em obediência à matéria contida na moção a que se refere o primeiro considerando deste documento.

No segundo numero da ordem de trabalhos entra-se na apreciação do conflito havido na C. G. T., sendo lido o relatório dos delegados ao conselho confederal, bem como uma circular da U. A. P. e da F. das juventudes, sendo presentes duas moções uma respeitante à resolução das Federações sobre a C. G. T., e outra que contende com a citada circular.

Devido ao adiantado da hora foi nesta altura suspensa a sessão que deve continuar na sessão próxima.

**Officiais da Marinha Mercante.** — Na Assembleia Geral foi apreciada uma representação feita pela Associação Comercial de Lisboa ao ministro do Comércio, sobre a desproporção de impostos pagos por navios portugueses, em portos estrangeiros, em relação aos navios estrangeiros, entrando nos portos; foi resolvido nomear uma comissão composta por membros da classe sejam ou não associados, que se avistará com o ministro do Comércio fazendo ver que essa referida representação irá afetar a protecção à Marinha Mercante em benefício da estrangeira.

Por último trataram também dos ordenados a vencer pelos officiais quando embarcados em navios depósitos de explosivos, tendo sido resolvido nomear uma comissão para a elaboração de uma tabela de ordenados e seguros de vida.

### CONVOCAÇÕES

**REUNEM-SE HOJE.** Refinadores de açúcar. — Reúnem amanhã, pelas 14 horas, em assembleia geral.

**DIAS PROXIMOS**

**S. U. C. Civil.** — Secção dos Carpinteiros. — Quarta-feira, pelas 21 horas, assembleia geral, para apresentação de contas do primeiro semestre de 1926 e parecer da comissão revisora de contas.

**SINDICATOS DA PROVINCIA**

**S. U. C. Civil de Tires.** — Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, para apreciação da crise de trabalho, inscrição de desempregados e demissão do delegado à Federação.

**JUVENTUDES SINDICALISTAS**

**Núcleo de Lisboa.** — Reúne hoje, pelas 21 horas o secretariado central.

**Núcleo de Silves.** — Reuniu a comissão administrativa que apreciou uma circular da Federação das Juventudes Sindicalistas e da União Anarquista Portuguesa sobre o incidente havido na C. G. T. Foi resolvido officiar à Federação da Juventude Sindicalista Portuguesa protestando contra a atitude que ela assumiu colocando-se ao lado da União Anarquista que por meio do seu órgão declarou guerra à C. G. T.

**Jose S. Santos Arranha**

Pede a todos os seus camaradas e amigos que tenham a dirigir-lhe a correspondência particular, o façam para a sua residência, Rua do Vale de Santo António, 211, 2.º, D.

### INSTRUÇÃO